

## O que você vê quando olha o que enxerga: Descrevendo a experiência de um aluno cego no tatame

Breno Santos Barbosa Magalhães<sup>1</sup>  
Gabriel Carvalho Bungenstab<sup>2</sup>

### Resumo

A história do ser humano é composta por disputas de poder, desde sua origem já se luta por algo ou alguma coisa, espaço, alimento, ideais, saberes, amores. Através de um relato de experiência, este texto utiliza da técnica narrativa para retratar a luta de um cego, enfrentando adversidades cotidianas de uma sociedade que vai na contramão da acessibilidade, mas como um bom guerreiro, este lutador se esforça para aprender e viver um esporte de combate: o Jiu-jitsu. Este artigo destaca o processo histórico do Jiu-jitsu até sua chegada no Brasil, ressalta as leis e diretrizes de inclusão e acessibilidade e descreve o processo de ensino/aprendizagem de um aluno cego praticando Jiu-jitsu pela primeira vez. Para tanto, pauta-se em autores como Spinoza (2013) e seus afetos, a importância do Jiu-jitsu no processo pedagógico (MAGALHÃES, 2021), a trajetória histórica das pessoas com deficiência (SANTOS, 2019) e as compreensões de Corpo em Nietzsche (2011). Os dados apresentados demonstram como a prática do Jiu-jitsu por um aluno cego cria potências em seu corpo, motivando e afetando seus colegas de treino, professor e espaço, permitindo responder sobre a capacidade do Jiu-jitsu em ser uma prática inclusiva.

**Palavras-chave:** jiu-jitsu, acessibilidade, educação, pedagogia do esporte, corpo.

## What you see when you look at what you see: Describing the experience of a blind student on the tatame

### Abstract

Human history is made up of power disputes, since its origins we have fought for something, space, food, ideals, knowledge, love. Through an experience report, this text uses the narrative technique to portray the struggle of a blind man, facing the daily adversities of a society that goes against accessibility, but like a good warrior, this fighter strives to learn and live a sport of combat: Jiu-jitsu. This article highlights the historical process of Jiu-jitsu until its arrival in Brazil, highlights the laws and guidelines of inclusion and accessibility, and describes the teaching/learning process of a blind student practicing Jiu-jitsu for the first time. The study is based on authors such as Spinoza (2013) and his affections, the importance of Jiu-jitsu in the pedagogical process (MAGALHÃES, 2021), the historical trajectory of people with disabilities (SANTOS, 2019) and the understandings of the Body in Nietzsche (2011). The data presented demonstrate how the practice of Jiu-jitsu by a blind student creates power in their body, motivating and affecting their training colleagues, teacher and space, allowing them to answer about the ability of Jiu-jitsu to be an inclusive practice.

**Keywords:** jiu-jitsu, accessibility, education, sport pedagogy, body.

---

## Introdução

Este texto nasce de uma experiência vivida para além do processo ensino-aprendizagem, academicamente pode ser esclarecido como um relato de experiência, onde um aluno, cego, se

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Física pela UFG; Professor efetivo do curso de Comunicação Social na UNIALFA. Professor efetivo do curso de Comunicação Social da UNIFASAM; E-mail: [ubrenomagalhaes@gmail.com](mailto:ubrenomagalhaes@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela UFG; Professor efetivo do curso de Educação Física da UEG. Professor permanente no PPGEF-UFG; E-mail: [gabriel.bungenstab@ueg.br](mailto:gabriel.bungenstab@ueg.br).

propõe a aprender Jiu-jitsu. Tanto professor quanto aluno<sup>3</sup> são formados em Educação Física. Ambos aprendem e ensinam, portanto, o estudo tem como objetivo discorrer e mostrar a vivência do nosso personagem que chamaremos pelo nome de Tirésias<sup>4</sup>, como forma de preservar sua identidade e intimidade.

Com a permissão de Tirésias relataremos neste texto desde sua saída de casa, enfrentando uma cidade inacessível, até o *Dojô*<sup>5</sup>. Retrataremos também as potencialidades de Tirésias dentro do tatame, a sensibilidade tátil na luta de agarre, noções espaciais, relações e comunicações com os demais alunos. Este relato nos apresenta características de um lutador cego, de forma didática e poética, as potencialidades de seu corpo, acentuando a questão de Spinoza (2013): o que pode o corpo?

Vê-se que ninguém determinou até agora o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou (até agora) o que o corpo (exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente) pode e o que não pode fazer. Segundo Spinoza (2013, p. 163) “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”, ora, se um aluno com cegueira utiliza dos afetos para estar na mesma posição que outros corpos, ditos “saudáveis”, questionado sobre sua capacidade corporal, ele integra a questão de Spinoza (2013) e nos permite uma breve resposta sobre sua potencialidade.

Paralelamente a questão sobre as potências do corpo através dos afetos e por se tratar de um relato de experiência acadêmico que estuda um corpo cego, cabe resgatar em Bandeira; Rocha; Santana (2018) uma definição de acessibilidade, que é essa condição de algo ser acessível, de possibilitar o acesso. Em linhas gerais, a maior parte das coisas do mundo é acessível para humanos de antropometria padrão, e pouco acessíveis para a pessoa com especificidades em particular, como tamanho, velocidade ou acuidade visual, dentre outros. Entendemos que a educação dos corpos consiste em diálogos que não terminam, mas podem ser interrompidos, esquecidos.

---

<sup>3</sup> O professor em questão, ocupa função como pesquisador e autor deste texto.

<sup>4</sup> Tirésias é um personagem da mitologia grega. Em vários mitos Tirésias atua como um profeta. Ele é cego e foi um dos personagens que interagiu com Ulisses na Odisseia de Homero.

<sup>5</sup> *Dojô* é o nome oriental para o lugar/espaco onde se ensina alguma luta/arte marcial – Escola de lutas/arte marcial.

Os pressupostos teóricos em que a pesquisa se baseia, vão se clareando ao longo das próximas seções, primeiro percorrendo uma breve trajetória da chegada do Jiu-jitsu como esporte ao Brasil e suas potencialidades higienistas no processo de formação e constituição de um povo (MAGALHÃES, 2021). Posteriormente, este texto apresenta compreensões históricas da inclusão e acessibilidade dentro das políticas públicas e dos direitos humanos, nos permitindo entender como ao longo da trajetória de inclusão, observar o corpo deficiente modificou textos, diretrizes e comportamentos (SANTOS, 2019).

E por fim, a última seção onde discorro sobre o método utilizado para a coleta de dados, através da observação sistemática e dos registros do diário de campo, alcançando o problema posto e observado desde o início da elaboração da hipótese deste trabalho: o Jiu-jitsu como esporte de combate é uma prática inclusiva? O que justifica uma possível resposta tendo como base observação, análise e estudo, ao longo da vivência obtida ao ministrar aulas de Jiu-jitsu para um aluno cego.

A constituição metodológica desta pesquisa perpassou por dois momentos que justificam seu objetivo científico, o primeiro seria o detalhamento da experiência vivida por Tirésias, tanto no processo de aprendizagem, do percurso social, cotidiano, em que ele se desloca, pisa em um tatame e enfrenta uma nova luta (com técnicas, regras e normas), até o momento em que ele sai deste espaço, transformado, afetado e modificado.

O segundo, o diário de campo do professor que se propõe a observar, informar, ensinar, compreender e discorrer sobre a experiência pedagógica vivida pelos atores sociais em estudo (MINAYO, 2004). Em ambos os momentos o rigor metodológico se propõe em expandir o conhecimento uma vez que a educação se faz com o outro e não para o outro e esse conhecimento deve ser compartilhado. Como forma de exposição do meu ponto de vista, na abertura de cada seção o leitor vai se deparar com os grifos do autor, que fazem parte da observação redigida no diário de campo, sendo assim os resultados aqui obtidos permanecem em aberto, possibilitando ainda mais o número de pesquisas, exploração e reflexão.

## 2. Lutando por algo: a poética dos corpos

Diário de Campo – A partida

Já passou a hora do almoço, paro em frente minha pilha de quimonos, são muitos, 20 a 30 calças e casacos, tenho muitos pares pois recebo doações de alunos, dou aulas em um projeto social aos sábados de manhã e me responsabilizo em vestir quimonos

em cada criança que participe das aulas. No oriente cada parte possui um nome e significado (calça-Shitabaki e casaco-Wagui). Escolho no olho qual vai servir no meu novo aluno. Ele é da minha altura, deve ter meu peso também, seus braços são mais compridos que os meus. Quero um quimono que fique confortável nele, nem tão largo nem curto, me preocupo com o desconforto que ele pode sentir, sei que ele já fez aulas de Judô, provavelmente não vai ser a primeira vez que veste um quimono, penso em como ele vai vestir, se ele vem para aula vestindo cueca, se vai se trocar na minha frente, se vou precisar ajudá-lo, se levo uma camiseta para ele vestir por baixo e não suar sua própria roupa, se ele conseguiria ir ao banheiro sozinho, se eu preciso ajudá-lo caso ele queira desamarrar o quimono. Todos esses questionamentos me deixam inquieto e agitado. Decido que só terei a resposta lá, vivendo a experiência, talvez eu até me surpreenda por tentar ser muito protetor e preocupado pelo fato dele ser cego. Ele não deve estar mais ansioso que eu. Na minha cabeça todo o plano de aula elaborado é pensando em alunos videntes (que enxergam sem restrições), já ensinei alunos com outras deficiências, mas um cego seria a primeira vez. (Grifos do autor).

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo que tem como proposta detalhar a experiência de um aluno cego dentro de seus fenômenos sociais, culturais e corporais na prática do Jiu-jitsu. A coleta de dados se baseia na proposta de Gil (2008) onde a observação sistemática e utilização do diário de campo acompanham a trajetória deste personagem.

Ao longo de conversas e participações práticas do personagem, foi elaborado um diário de campo escrito pelo autor, com percepções e observações do movimento cotidiano e vivido ao longo da experiência de Tirésias, sua chegada no *Dojô* e o retorno para casa. Utilizou-se este trajeto experimental para a construção de uma análise qualitativa dos dados, que segundo Minayo (2004) ocorre através de uma produção textual, onde cada um dos instrumentos utilizados ao longo da pesquisa compõem uma cadeia de evidências e registros, formando assim uma triangulação que parte da observação, descrição e análise.

No *corpus* deste texto é possível identificar uma sequência de anotações escritas no diário de campo do autor. Mesmo que o método não componha planos de aula para um trato pedagógico específico, a descrição feita auxilia na montagem e criação de materiais pedagógicos para produções de conhecimento no ato de ensinar, aqui este formato educacional se propõe a ensinar alunos com deficiência visual - cegos ou com baixa visão (SANTOS, 2019), sendo assim a própria visão narrativa do autor, já se esforça em produzir conhecimento, posicionando o Jiu-jitsu como veículo inclusivo na vida de Tirésias.

## 2.1 O esporte de combate ou arte suave

Por que lutamos? Nesta seção fica exposto a historicidade das lutas como expressão humana e cultural. Neste sentido a tratamos como parte da constituição do próprio ser humano e das relações sociais, conduzindo a reflexão à análise do movimento histórico e social, para destacar as relações de poder que originaram e possibilitaram a reprodução de manifestações de atos de luta, bem como as diferentes formas e expressões de combate, que deram significado à criação e estruturação do Jiu-jitsu como luta e desenvolvimento do corpo (MAGALHÃES, 2021).

Buscamos explicitar que desde o início da formação humana, já se luta por algo ou por algum motivo. Há cerca de um milhão e meio de anos a vida do ser humano é marcada por disputas de força ou poder, bem como pela capacidade de produzir trabalho e se adaptar. Lima e Hur (2017, p. 175) compreendem tais relações de poder como objeto do corpo, mas que não se aplicariam apenas a ele. Segundo os autores são relações que “[...] produzem algo que se atualiza no corpo: o poder tenta moldar os corpos e esta é a sua produtividade”.

Os seres carregam em sua trajetória momentos de defesa em que a disputa pela própria vida os levou a se preparar para combates, sejam de natureza agressiva, dominação, conquista ou proteção de territórios, espaço entre outros corpos e defesa pessoal, criando, conseqüentemente, uma compreensão de que as lutas são instrumentos para algo ou para o quê (LIMA; HUR, 2017). A história registrada da humanidade apresenta a luta como uma prática de autodefesa, até o que chamamos hoje de práticas corporais pedagógicas, lutas ou esporte de combate (MAGALHÃES, 2021).

No início das primeiras manifestações de Lutas as técnicas de socos e chutes eram utilizadas nos pontos vitais dos adversários fazendo com que o combate se encerrasse o mais breve possível, onde a técnica seria superior a força e até mesmo às armas utilizadas. Gurgel (2007, p. 7) conta que mais de 2.500 anos atrás a primeira forma de autodefesa desenvolvida pelo ser humano sem o uso de armas, foi criada por monges budistas, de características físicas muito franzinas que eram alvo de ataques constantes em suas peregrinações: “baseados na observação e no conhecimento dos movimentos dos animais, desenvolveram forças de alavanca, técnicas de autodefesa e passaram a não mais ser saqueados”.

Segundo a IBJJF (International Brazilian Jiu-jitsu Federation), os primeiros traços do Jiu-Jitsu se formaram na Índia, 500 anos antes de Cristo, os monges budistas da época elaboravam técnicas de defesa pessoal baseadas nos princípios da religião onde o equilíbrio e consciência corporal se misturava com um sistema de ataque e defesa, baseados no sistema de articulação do corpo e uso de alavancas. Muitos mitos foram desenvolvidos para sinalizar o surgimento das Lutas ou Artes Marciais no mundo, a paridade encontrada em todas as leituras mostra as lutas como função para atacar ou defender algum propósito.

Os monges chegaram à China e pelos relatos esse seria o primeiro país a ter contato com a nova arte, posteriormente ao Japão, que depois viria a ser o berço de todas as artes marciais. Sousa (2010) relata como as lutas marciais chegaram ao Japão, sofrendo influências da China e da Coreia ao receberem modelos hierárquicos de organização social, linguagem, religião e a filosofia budista. Gurgel (2007) relembra que a revolução industrial abriu os portos japoneses ao Ocidente, a cultura oriental e o segredo das técnicas marciais já eram de conhecimento dos ocidentais:

Neste ponto surge a preocupação japonesa em preservar sua cultura, assim como o conhecimento de suas armas e técnicas de guerra. O jiu-jitsu é fragmentado e, então, começam a ser exportados o karatê, o judô, o aikidô, entre outras técnicas” (GURGEL, 2007, p. 07).

O desenvolvimento dessas lutas no Ocidente expande as noções técnicas e filosóficas do que hoje conhecemos como Artes Marciais, que se modificaram e se tornaram grandes lutas, mas nesse período o Jiu-jitsu foi preservado pelo imperador japonês, que decreta crime ensiná-lo fora do Japão. Muitos mestres japoneses foram embora do país, e em 1914 chega ao Brasil, Mitsuyo Mayeda, sob o nome de guerra “Conde Koma”, exibindo sua luta em desafios contra homens visivelmente maiores e mais fortes na forma de espetáculos circenses em uma cidade ao norte do país. Em função de sua capacidade de enfrentar adversários visivelmente mais fortes, foi chamado de “o Hércules nipônico” (CAIRUS, 2014).

Um grande amigo de Conde Koma era Gastão Gracie, em retribuição à favores pessoais, Conde se ofereceu para ensinar o *Jujutsu* para Gastão e sua família. Segundo Almeida (2016) o patriarca da família Gracie foi o responsável pela criação da modalidade de luta Jiu-jitsu Brasileiro. “Seus membros, descendentes diretos dos filhos Carlos Gracie e Hélio Gracie principalmente, se empenham em perpetuar uma essência atribuída aos ensinamentos

conquistados junto ao japonês Mitsuyo Mayeda no início do século XX” (ALMEIDA, 2016, p. 9).

A curta aprendizagem junto a Mayeda exigiu que os irmãos Gracie desenvolvessem seu próprio estilo de luta, o menor dos filhos de Gastão, foi o grande protagonista do Jiu-Jitsu Brasileiro, por ser mais leve e mais fraco, Hélio desenvolveu uma técnica em que qualquer um pudesse aprender o Jiu-jitsu e também fosse capaz de derrotar qualquer inimigo, essa soberania técnica é apontada por Almeida (2016) como sendo uma estratégia de marketing da família Gracie em conseguir novos alunos e popularizar a Luta ensinada por eles.

O termo Jitsu é compreendido como “método”, “arte” ou “técnica”. Já o termo Jiu (lê-se JU) significa suavidade, leve ou até mesmo um caminho a uma realização mais espiritual do que puramente prática, técnica ou artística, sendo o termo Jiu-jitsu compreendido de forma popular como “Arte Suave”. A proliferação do Jiu-jitsu na população brasileira carrega em seu contexto histórico a influência de como os corpos da época se transformavam, seja por uma lógica política de mudança social, como por definições individuais.

## 2.2 Outro mestre: reflexos de inclusão

No documentário “A história real e completa do Jiu Jitsu” produzido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010) conta-se uma história de proliferação do Jiu-jitsu completamente contrária a hegemonia da família Gracie. O diretor destaca que 10 anos antes de qualquer movimento de Jiu-jitsu dos Gracie no Brasil, Sada Miyako ensinava o corpo de elite da Marinha Brasileira, onde saiu desse grupo um dos maiores nomes do esporte no Brasil: Oswaldo Fadda.

A produção cinematográfica se propõe a relatar a história desta outra família responsável pelo nome do Jiu-jitsu no Brasil. Diferente do contexto em que Hélio se relacionou com nomes famosos e autoridades da época, Fadda realizou trabalho oposto em sua escola. Nos relatos apresentados no documentário citado acima, os primeiros movimentos de pessoas com deficiências que participaram de competições em estádios, federações ou na própria rua, são alunos de Fadda. Ele se apropriou da lógica que o Jiu-jitsu é um esporte de combate “para todos”. O professor também era conhecido por sua relação social no Jiu-jitsu, permitindo que

alunos de baixa renda treinassem, além de realizar aulas para a comunidade local, gerando as primeiras ideias de projetos sociais.

### 2.3 Higienismo, movimento humano e trato pedagógico

#### Diário de Campo – O encontro

Minha escola fica em frente uma avenida movimentada do setor, a rua da frente é município de Goiânia-GO a rua de trás Aparecida de Goiânia-GO. Eu insisto para buscar Tirésias no terminal de ônibus, ele insiste que o busque no ponto de ônibus perto da escola. Explico uma única vez onde ele deve descer, ele não erra, estou lá parado ao lado do carro quando o vejo descer do ônibus, ele desdobra sua bengala. Um dia me explicou que as bengalas guias possuem cores específicas para cada tipo de deficiência visual. A verde baixa visão, branco para cego e vermelha e branco surdo/cego. A bengala guia dele é prata, não tem cor, a ponta possui um aparador de borracha, bem surrado. Quando ele desce do ônibus eu o chamo, ele dobra a bengala numa velocidade que me faz sorrir, logo me abraça e me chama como sempre chama "meu amigão", entramos no carro, eu o oriento como posso, mas do seu jeito e na sua velocidade, ele coloca a mochila, entre as pernas e puxa o cinto de segurança, é como se ele enxergasse onde estão todas as coisas. Isso me deixa aliviado, meus questionamentos sobre a possibilidade de um cuidado mais atencioso em relação a ele diminuem minha tensão. Eu já conheço Tirésias, nós estudamos juntos, sei da sua capacidade física, intelectual, motora, espacial, já me surpreendi com ele na primeira vez que dividimos uma sala de aula. Tirésias entrou com sua bengala guia, bateu em uma carteira que havia uma mochila em cima, não satisfeito tocou a próxima, o som da bengala na carteira o fez sorrir o fazendo escolher essa que estava vazia para se sentar. Esta foi a primeira vez que o vi e a primeira coisa que pensei foi “ele precisa treinar Jiu-jitsu comigo”. (Grifos do autor).

Para o fechamento desta seção, deve-se resgatar as características apresentadas por Fontenelle (1940) na definição do higienismo e eugenismo na construção dos corpos no Brasil, compreendendo que mesmo com uma proposta mercadológica ofertada por Hélio Gracie de “provar ao mundo” como o Jiu-jitsu é superior a outras lutas marciais, a inserção do Jiu-jitsu como prática corporal dentro da Cultura Corporal (DAÓLIO, 2013) transformou seus valores técnicos e sociais.

As reações aos estímulos e gestos corporais propostos pelo Jiu-jitsu não podem ser analisadas apenas por meio de uma visão biológica, mas sim compreendidas como uma expressão cultural, em Magalhães (2021) a proposta de inserção do Jiu-jitsu em um método educacional, nos aproxima em como este esporte de combate se postula como um agente formador e emancipatório na escola dentro de suas variáveis biológicas, psicológicas, sociológicas e culturais

A reflexão sobre o Jiu-jitsu como fenômeno cultural, expressão humana do corpo e sua capacidade em promover ações educativas necessárias ao desenvolvimento humano, permite a praxiologia do Jiu-jitsu pensado criticamente, consolidado de modo sócio-educacional. Sua importância deve ser pensada no trato pedagógico para além da escola, Magalhães (2021, p. 24) reforça os primeiros traços do Jiu-jitsu como um esporte inclusivo e acessível: “o Jiu-jitsu não foi construído para o ambiente escolar, mas é preciso admitir suas possíveis contribuições aos sujeitos que o praticam nesse contexto de educação formal.”

Magalhães (2021) relembra a importância em expandir o conhecimento nesta área uma vez que a dificuldade e insegurança do professor de educação física em lecionar o Jiu-jitsu como prática corporal, está relacionado a uma má formação acadêmica misturada a uma escassez de conteúdo metodológico na literatura, uma das motivações para a realização desta pesquisa

### 3. Do ser (de) eficiente e acessível

#### Diário de Campo – O *Dojô*

Uma das características de Tirésias é questionar. Ele está sempre tentando acertar as coisas, qual a cor de uma roupa ou objeto, se existe um campo de futebol na rua ao lado, se o lugar possui pilastras, se ele aponta para o lugar correto e diz que ali tem um vaso de plantas. Ele sempre acerta. Quando paramos na porta da escola vou narrando o lugar, ao lado esquerdo da escola existe uma igreja batista, do lado direito uma borracharia de pneus, eu explico como o portão abre, é uma porta de ferro barulhenta, ele me ajuda a empurrar, à medida que entramos na escola lhe explico que o espaço é estilo um galpão, com teto alto, paredes largas e um extenso piso majoritariamente ocupado por um tatame cinza, feito de lona de caminhão com lascas de pneu trituradas por baixo. Seu comentário me faz gargalhar "uau, é enorme". Nós passeamos por toda a lateral, mostro onde fica o banheiro, a cozinha, a estante de livros, os equipamentos de treino. O faço tirar o calçado e caminhar por todo o tatame, onde ficam as paredes e onde ele começa. Pronto, Tirésias já memorizou o espaço, e sempre que aproxima do limite final do tatame, ele para. (Grifos do autor).

Somente no final do século XX que a discussão sobre inclusão e exclusão social teve visibilidade e atenção nas produções acadêmicas e políticas. Com a aprovação da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), da LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) e da Portaria n. 1.679, de 2 de dezembro de 1999 (BRASIL, 1999) a educação avança o processo de inclusão e acessibilidade. Propomos nesta segunda seção a compreensão de processos que formalizaram e expandiram as capacitações da chamada educação especial, posteriormente formalizada como educação inclusiva.

No conceito de deficiência, o decreto Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 define como: "toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano" (BRASIL, 1999, p. 1).

Como explica Santos (2019) a trajetória histórica das pessoas com deficiência, divide-se em Exclusão, Segregação, Integração e Inclusão. Na história contada a exclusão, acompanhada de uma ignorância social, tratava qualquer criança com anormalidades físicas ou intelectuais como um corpo descartável, permitindo até mesmo o sacrifício delas. Bastava uma compreensão coletiva de que um ser humano com essas características não exerceria força de trabalho.

No contexto da Segregação, teve início os movimentos de caridade, a deficiência aqui perde seu caráter único de eliminação e tem vistas a um processo de incapacidade. As pessoas ditas deficientes eram colocadas em instituições com atendimento assistencialista, mas com exclusões aos direitos como: educação, trabalho e a própria sociedade (SANTOS, 2019).

Vale lembrar que no processo de Segregação, o surgimento de instituições especializadas, asilos e convênios como as APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) dão início ao primeiro pensamento sobre processo de Integração: "foi implantada no Brasil a partir da década de 1970. Esse modelo permitia aos alunos oriundos de escolas especiais, a possibilidade de frequentarem simultaneamente, a escola regular e a especial" (SANTOS, 2019, p. 25). Essa iniciativa vem de uma primeira tentativa em aproximar de fato, dentro da comunidade escolar, a oportunidade de alunos com deficiência de circularem por escolas, denominadas ensino regular, integradas ao "ensino especial", mas claro, sem ignorar a educação segregada vigente e proposta.

Por fim em 1980 a educação atenta as características da pessoa com deficiência e passa a pensar e representar o direito de todos os seres com reflexões de adaptação, interesses particulares de cada indivíduo, reais necessidades do deficiente e sistema educacional crítico. Cabe então refletir como a aceitação das diferenças não se trata apenas de uma ação pessoal, mas de todo um aporte de políticas públicas voltadas aos direitos do indivíduo, como cidadão, além da necessidade plena de acesso à educação no seu caráter, amplo, contínuo e total: "O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional

especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988, p. 138).

Outro significativo exemplo de documento normativo resultante do acordo internacional, do qual o Brasil também foi signatário, mostra-se a partir da Declaração de Salamanca. Esta corresponde a um documento orientador para a condução dos processos educativos de crianças com deficiência em diversos países e originou-se da Conferência Mundial sobre Educação de Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca-Espanha no ano de 1994. O documento propõe uma abordagem inclusiva na educação que valorize o direito de todas as crianças aprenderem juntas, independente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter (SANTOS, 2019, p. 28).

E em 1988 a chamada "educação especial" passa a ser adotada pelas Secretarias de Educação de todos os estados brasileiros, mesmo que permeada pela dualidade entre o ensino regular e ensino especial.

### 3.1 A poética dos corpos eficientes

Diário de Campo – A luta

Vestimos os quimonos, ele não precisa de ajuda, falo sobre os nomes orientais da vestimenta. Explico o motivo de amarrar a faixa branca na cintura dele, porque colocamos a parte direita do quimono primeiro e a esquerda depois (no modo tradicional oriental deve-se colocar o lado esquerdo acima do direito, o lado direito por cima é reservado apenas para luto), qual lado a ponteira da faixa deve ficar, conto qual a sequência de cores que a graduação do Jiu-jitsu tem, porque fazemos uma reverência ao entrar no tatame, o que ele deveria fazer caso houvesse outros alunos, o significado da palavra/expressão *Ôss*. Me preparei para essa aula vários dias atrás, fiz e refiz ela na cabeça, mas agora, ali, diante de um aluno cego eu não segui o plano. Enquanto eu narrava os movimentos para preparar o corpo para a prática, ia notando como a consciência corporal dele identificava minhas orientações. Meu aluno é professor de Educação Física, possui histórico em competições de atletismo, futebol, judô, vôlei. A cada orientação minha como por exemplo: "fica em posição de flexão e pisa a perna direita ao lado da mão" era facilmente atendida. E a cada acerto, eu sorria e fazia notas mentais sobre aquele corpo, dito deficiente e com uma consciência corporal gigantesca. Toda a aula foi filmada, e mais tarde em casa, vou reconhecer os momentos em que Tirésias teve mais dificuldade e mais facilidade. Na parte do combate, onde a maioria dos alunos tem receios em tocar outros corpos, ou em situações de sufocamento, claustrofóbicos, Tirésias foi completamente superior a qualquer outro aluno iniciante. Jiu-jitsu é um esporte onde o contato com o adversário é essencial para a execução dos golpes, à primeira vista a luta é intrigante, as vezes até feia. Para cada ataque existe um contra-ataque, Tirésias demonstrou muita habilidade e sensibilidade tátil em sua primeira aula. (Grifos do autor).

Vejamos, o corpo não possui simetria perfeita, essa busca pela seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas, esse corpo insinuado por Nietzsche (2011) que possui

importância por ser sadio, perfeito e bem estruturado, leva a discussão justamente ao significado e valor dos corpos, uma vez que fisiologicamente o ser “sem visão” (personagem estudado), utiliza de elementos atribuídos a ele, como forma de sobrevivência, a bengala então é um instrumento de prospecção e a estereognosia<sup>6</sup> seus olhos.

Diferenciamos o mundo pelo corpo. O pensamento se organiza da mesma forma que o corpo se organiza, o que você come, cheira ou vê, determina sua relação com o mundo. No aspecto médico Mazzarino; Falkenbach; Rissi (2011) explicam como a deficiência visual possui relação congênitas e biológicas a serem observadas<sup>7</sup>. No aspecto cultural os autores nos trazem a reflexão sobre como “pensar em cegueira é uma questão traumática que perturba com a ideia de que são pessoas que encontram inúmeras dificuldades físicas, motoras, cognitivas e emocionais” (MAZZARINO; FALKENBACH; RIS, 2011, p. 90).

E no modelo religioso compreende-se as doenças e deficiências como fenômenos perturbadores para as sociedades e religiões primitivas: “a deficiência era considerada como um castigo ou maldição e o contato com pessoas com deficiência era evitado, às vezes proibido por rigorosas leis religiosas e sociais” (PEREIRA, 2006, p. 56).

Em qualquer aspecto da cegueira, este corpo, dito ‘deficiente’, se afeta com seu meio para realizar atividades de seu interesse, essa reflexão nos remete a como o ser humano tem potência absoluta sobre as próprias ações, como dito por Spinoza (2013, p. 161) “não é determinado por nada mais além de si próprio”. Essa “coisa”, que chama: corpo, que está ligada a tudo, também responde a tudo. Seja o corpo “eficiente” ou “deficiente”. Não existe corpo sem espaço, ou espaço sem corpo.

#### 4. O método suave

##### Diário de Campo – A partida

Durante a aula, expliquei para Tirésias os principais fundamentos do Jiu-jitsu, por ser muito curioso a conversa se estendeu, e cada vez que explicava algo e percebia que de fato ele entendia, a conversa se prolongava. Falo o nome de alguns golpes, como funciona a dinâmica do Jiu-jitsu, os objetivos, a importância em desistir e não se machucar. Os efeitos agressivos da luta, os momentos de se concentrar, respirar. Nós já estamos encharcados de suor, depois de muitas repetições de chaves de braço, movimentos de alavanca para inverter a posição do adversário e ter domínio da luta eu o desafio. Vedo meus olhos e fazemos o chamado “róla” nome dado ao momento

<sup>6</sup> Habilidade de reconhecer ou identificar algo a forma e os contornos dos objetos através do tato.

<sup>7</sup> Como descrito nos diários de campo, Tirésias é filho de primos de primeiro grau, seus outros irmãos possuem deficiência visual.

de combate. Não me lembro de cronometrar o tempo exato, o tempo de tatame me deu consciência do cronômetro, costumo acertar o fim de um *round* de 5 minutos junto com o despertar do relógio. Fizemos mais de três *rounds*. Seu esforço me deixa intrigado, sua capacidade de não desistir dos golpes ou se posicionar em locais estratégicos sem saber onde eu estava me interessou. Sua capacidade tátil é muito sensível e superior a minha, ele reconhece expressões faciais com a ponta dos dedos, faz leitura em braile, seu toque não é grosso e suas mãos são finas, mas o que chamamos no Jiu-jitsu de "pegada" é firme como a de alguém que pratica essa luta há alguns meses. Tirésias está exausto, ele ainda precisa pegar três ônibus para ir embora, não posso dar carona, tenho uma aula na sequência, ele não se importa, diz que está acostumado a andar a cidade inteira. Reclama da falta de acessibilidade, mas sempre sorridente. A luta não o abala e aparentemente as adversidades da vida também não. Ele me conta o que teve mais dificuldade durante a aula, o que entendeu e marcamos a próxima aula. Ganhei um aluno e ele possui a melhor das qualidades, força de vontade. (Grifos do autor).

#### 4.1 Descrevendo a prática: tocar para observar, cheirar para sentir

Antes de descrever meu ponto de vista, saliento que como professor pesquisador, assumo esta pesquisa como participante, já que também ensino e estou envolvido no estudo. Com finalidade de explicar e descrever a experiência vivida com Tirésias, busco inserir uma visão crítica do processo, à luz dos pressupostos teóricos adotados, considerando a realidade vivida por nós dois, as possibilidades e os desafios vivenciados em situações reais de ensino/aprendizagem.

Ao longo de 7 aulas pude observar e registrar a participação de Tirésias. Hoje, mesmo com as dificuldades pela distância e recursos ele continua fazendo as aulas. Durante a coleta de dados para a produção deste material tive a percepção dos vários aspectos na vida de uma pessoa cega, na observação clínica as dificuldades de compreensão de Tirésias quando algum movimento para execução deve ser falado, e mesmo que ele não saiba o que deve ser feito, tenta. Cabe ao professor conduzir o movimento pelo toque, segurando seus braços e pernas, movendo cabeça e quadril, demonstrando o exercício.

Como busco Tirésias para todas as aulas, sempre mantenho longos diálogos sobre sua vida, sua observação do Jiu-jitsu, as novas compreensões e dificuldades. Como forma de desenvolver melhor meu diário de campo e a análise observacional, pergunto mais do que explico e permito que ao longo das aulas os demais alunos interajam cada vez mais com ele. Até mesmo durante os aquecimentos no momento inicial da aula, deixo que outros alunos auxiliem e orientem Tirésias.

Depois que Tirésias conhece o movimento, seu poder de memória surpreende, ele aprende de prontidão, sendo possível lembrá-lo apenas pelo nome do exercício. Ao mesmo tempo que existe uma dificuldade na explicação, também existe uma facilidade tátil. A sensibilidade do toque de Tirésias o faz ter vantagem, ele não tem receio de tocar, de segurar, de apertar, e por se tratar de um esporte de combate com intenso contato, a forma como ele explora o corpo adversário o faz aprender cada vez mais rápido.

Outro ponto de destaque sobre a metodologia adotada para a prática pedagógica é a relação dele com outros alunos que possam explicar o movimento. Um dos critérios que adoto ao longo das aulas é deixar que os alunos se aproximem e tenham interesse em demonstrar ou auxiliá-lo. Essa metodologia ocorre até mesmo sem a presença de Tirésias, no Jiu-jitsu é fundamental que a turma troque informações sobre as possibilidades de ataque e defesa dos golpes. Cada um com sua facilidade ou dificuldade, cada um com sua linguagem e gesto. Ambos aprendem.

Além dos próprios movimentos a serem trabalhados no Jiu-jitsu, as expressões culturais também passam a ser objeto de conhecimento da Educação. Neste texto o corpo observado, sugerido socialmente como cego, possui potências e fragilidades, como todos os outros corpos que ocupam o tatame, como dito por Spinoza (2013), a partir da sua necessidade de potência, ele desenvolve em suas habilidades noções de percepção e adaptações que vão além de uma bengala ou de um olfato apurado ao ponto de reconhecer outro sujeito, até mesmo a capacidade tátil e sensível de Tirésias, por onde ele faz leituras, aqui se transforma na sua arma e ferramenta de combate.

Como observado por Mazzarino; Falkenbach; Rissi (2011) as vezes o ato de incluir a pessoa com deficiência leva em conta o acesso, mesmo que observado no contexto histórico a maturidade da acessibilidade, lê-se aqui como a inclusão ainda possui gargalos sistêmicos da real necessidade do corpo em questão, visto que a condição de acesso, se aplica a todo e qualquer estabelecimento, de ensino ou não, em qualquer nível, modalidade, etapa, sendo público ou privado, estes corpos tem como direito observar, assistir, enxergar, ler e olhar (aqui no caso: lutar).

## 5. Resultado e discussão

### Diário de Campo – O descansar

Ao fim do treino nos sentamos no tatame e ficamos conversando até os alunos da próxima aula chegar. Ele me conta que mora em uma casa com oito pessoas, conta que seus pais são primos de primeiro grau, que possui outros irmãos e irmãs com deficiência. Me conta sobre seu sonho como professor de Educação Física levar conforto para sua mãe que teve filho ainda muito jovem e trabalha bastante para sustentar a família, me conta da relação difícil que possui com o pai, me revela que dos sete filhos ele é segundo mais velho. Que dos sete, seis irmãos possuem alguma deficiência ocular, que uma das irmãs possui Transtorno do Espectro Autista. Enquanto ele me fala sobre sua família penso em como ajudá-lo, se devo escrever sobre suas questões familiares também. Me recordo de todas as habilidades que ele me apresentou ao longo da aula e do tempo que o conheço. Sei sobre seu tato sensível, da sua habilidade olfativa, potente em reconhecer as pessoas pelo cheiro, da boa memória, a noção espacial que possui, em como ele caminha pelo espaço com passos lentos e firmes desviando de paredes ou objetos grandes como se de fato os enxergasse. Nossa conversa vai além, me conta sobre namoros, sobre quantos ônibus pega diariamente, sobre a dificuldade em andar pela cidade, desviar das coisas e a falta do piso tátil, sobre como as pessoas as vezes o auxiliam, as vezes o ignora. Como algumas pessoas o tratam como alguém inábil, sobre como ele gostou da aula, no cansaço e na vontade de voltar e continuar aprendendo Jiu-jitsu comigo. E eu só pensava em como contar aquela experiência para outras pessoas. (Grifos do Autor).

### 5.1 Corpos afetados

Não é possível mensurar o quanto a presença de Tirésias afetou a equipe de Jiu-jitsu. Sua tentativa em conhecer os golpes, os alunos se esforçando em ensiná-lo, seus discursos inspiradores sobre o quanto ele gosta de estar ali e sua dificuldade inabalável, fez alunos chorar (professor também).

A própria essência do Jiu-jitsu sobre não desistir, se esforçar cada vez mais, se superar, sair da zona de conforto, não se equipara com a determinação de Tirésias. Toda aula um aluno comentava sobre a determinação dele e o quanto eles saíam modificados do tatame quando assistiam aula ao lado de Tirésias. Em Nietzsche (2011, p. 46) o autor relembra que a capacidade do corpo físico, se equipara a capacidade espiritual “O corpo é uma grande razão, uma pluralidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”, este corpo dito deficiente, o corpo de Tirésias, modificou não só a comunidade em que ele esteve presente, mas o que Boudieu (1998) chamaria de capitais culturais, dos demais alunos.

## 5.2 O espaço/ambiente *Dojô*

Diário de Campo – A pandemia

Quando me sento em frente ao computador, volto a olhar as fotos que tirei, os vídeos que gravei e vou descrevendo a aula. Existe um padrão de comportamento das pessoas que fazem uma primeira aula de Jiu-jitsu: o receio em encostar no adversário, a dificuldade em segurar no quimono, a confusão respiratória em algum momento de conflito, a sensação claustrofóbica de ter alguém por cima do seu rosto te sufocando, a dificuldade em desistir ou aceitar que foi derrotado. Meu novo aluno, não apresentou nenhuma dessas reações, isso me surpreende, me faz buscar respostas "será que é por ele é cego?". Ele não tem receio de me tocar, de usar a força, quando desiste logo se ajoita e volta ao combate "seria a potência de seus capitais esportivos". Anoto sobre minha dificuldade em demonstrar alguns golpes apenas narrando o que ele tem que fazer, não posso executar para ele observar e reproduzir, essa opção não existe, anoto sobre como faço para orientar, sobre como seguro nos braços dele e lhe explico o percurso completo do movimento, da posição dos pés, de como o quadril deve se mexer segurando em sua cintura e empurrando para os lados. Eu anoto os detalhes, penso em como utilizar esse material, o que é mais importante de se divulgar e penso na próxima aula. Uma semana depois o mundo entra na pandemia da Covid-19. (Grifos do autor).

O Jiu-jitsu pode ser praticado em qualquer ambiente que suporte um tatame. Tirésias treinou em dois lugares distintos, uma escola propriamente de Jiu-jitsu e uma academia com diversas práticas corporais. Em ambas o acesso e locomoção não o impediram. Além do quê, seu poder de compreensão espacial, surpreende a todos que estão próximos. Na academia em que ele treinou por último, identificou facilmente que existia uma pilastra no centro do tatame, como descrito em um dos diários de campo, ele alega que o lugar onde a pilastra está "o ambiente fica mais quente".

Quando Tirésias entrou na academia pela primeira vez, ele se locomoveu tocando meu ombro, mesmo com o ambiente repleto de maquinários de musculação, ele reconheceu o espaço, sabia onde o tatame iniciava e terminava, sabia onde havia paredes e pilastras e compreendeu a entrada e saída do espaço. Com a presença dele no ambiente o proprietário expandiu o corredor de acesso, retirando possíveis equipamentos que poderiam obstruir sua passagem (sensibilidade na adaptação que afetou o proprietário da academia).

## 5.3 Da prática: o lutar

Diário de Campo – O retorno

O mundo vive uma pandemia de saúde da Covid-19. Eu preciso fechar minha escola. 12 meses depois volto a dar aulas de Jiu-jitsu, desta vez em uma academia de musculação. Eles possuem um tatame, menor do que o meu, mas suficiente. Ofereço

para buscar Tirésias em casa, voltarmos aos treinos. Ele mora na mesma casa de antes, com oito pessoas. Eu desço do carro e conheço sua mãe (a mãe de 7 filhos sendo 6 deles com alguma deficiência). Durante o caminho ele me relembra histórias da sua família, me lembra da relação ruim que tem com seu pai e de como as coisas pioraram nos últimos tempos, me conta de como sai de casa para dar aulas, que passa o dia inteiro na rua, que é voluntário dando aula para crianças com deficiência. Nós chegamos na academia e vou orientando Tirésias sobre os caminhos, a academia está muito cheia, o som muito alto. Peço para diminuir o volume. Digo para Tirésias que fique à vontade no tatame, caminhe e reconheça o ambiente. Enquanto higienizo nosso espaço, os demais alunos vão chegando. Eu não explico quem é ele. Algumas coisas chamam a atenção neste processo, Tirésias reconhece uma pilastra no centro do tatame, ele me diz que o lugar fica mais quente quando se aproxima. Ele também reconhece a cor de seu quimono (azul) e do meu (branco). Tenta adivinhar a cor da faixa de cada um. Só quando começamos a aula é que eu o apresento a todos, explico que estou fazendo anotações e registrando tudo. É claro, ele pede a fala. Agradece, conta sobre sua alegria de estar ali de novo. Tirésias é muito comunicativo, quando termina de falar arranca uma salva de palmas do tatame inteiro. (Grifos do autor).

Para não aprofundar muito nas particularidades do nosso personagem e respeitar sua identidade velada neste texto, posso me restringir a dizer que Tirésias possui formação em Educação Física, não me estendendo nos saberes adquiridos por ele ao longo de sua graduação, mas em seu currículo ele carrega perícias voltadas ao esporte, isso com certeza facilitou e muito qualquer ensinamento e execução de movimento feito por ele dentro do tatame, mais uma vez aqui recorreremos ao que Bourdieu (1983), compreende como um acervo com base em sua trajetória de capitais culturais e esportivos.

Quando ele recebia as orientações de um exercício específico, seu histórico esportivo, que aqui podemos observar por capitais esportivos (BOURDIEU, 1983) o auxiliava na execução de atividades comuns, como por exemplo a orientação em realizar: polichinelo, agachamento, flexão, abdominal, prancha. Porém, exercícios que possuem nomenclatura específica ao subcampo do Jiu-jitsu como por exemplo: mergulho, saída de quadril, rolamento, levantada técnica, tiveram que ser explicados com toque, segurando em seu corpo para demonstrar a execução correta do movimento. Essa prática de conhecimento de pessoas com cegueira é destacada como fundamental por Weid (2015, p. 942):

Ao descrever, a seguir, a partir do trabalho de campo realizado, práticas e conhecimentos de pessoas com cegueira, gostaria de reforçar uma concepção da cognição como enação, como educação da atenção, em que o ambiente está fundamentalmente implicado no processo de percepção e conhecimento do mundo. A composição do ambiente tem uma importância fundamental no cotidiano de pessoas cegas. Dizer isto não significa que todas as pessoas cegas sejam necessariamente organizadas, mas, sim, que a organização externa, aquilo que está fora do corpo, interfere na organização interna.

Destaque para esta etapa da pesquisa em que durante o treino, cada aluno com sua especificidade (e capital cultural assimilado) ensinaram a Tirésias formas distintas de realizar o movimento. Alguns possuíam maior facilidade em narrar qual membro é utilizado, qual gesto deve ser feito, tudo isso apenas pela explicação oral. Tirésias surpreende a todos por sua memória e sua noção de espaço, ele caminha pelo tatame para entender sua dimensão, sabe assimilar até mesmo as cores dos quimonos e das faixas, além da sua capacidade olfativa em reconhecer os colegas de treino.

### Considerações finais

#### Diário de Campo – Tirésias

Quando levo Tirésias embora, combinamos as próximas aulas, dessa vez a aula o afetou de outras formas. O contato com os outros alunos, as várias explicações e diálogos o deixou ainda mais agitado e disposto a voltar. O deixo em casa, combinamos o retorno. São 40 quilômetros percorridos, paro no meio do caminho e me sento em uma praça, toda aquela experiência foi muito potente para mim e para todos no tatame, preciso refletir sobre o dia. Recebo uma sequência de mensagens dos alunos, dizendo sobre o excelente trabalho, pelo simples fato de Tirésias estar ali. Preciso contar para ele o quanto a presença dele afetou a todos, preciso escrever sobre a força de vontade dele, sobre sua influência no inconsciente dos outros alunos. Penso nas minhas leituras em Spinoza, sobre a potência daquele corpo cego e os afetos gerados. Penso em Nietzsche e sua abordagem sobre corpos eficientes. Agora os alunos me cobram quando Tirésias não está no treino. Como a presença de uma pessoa pode nos afetar tanto? Sua deficiência afeta a todos, ele conta sobre o piso tátil, e todos os alunos presentes vão embora com uma outra consciência sobre a cidade ser acessível ou não. Sobre respeitar qualquer ser humano. Sobre reclamar menos quando alguma dificuldade nos afeta. A presença de Tirésias nos ensina a ensinar, nos ensina a viver, nos ensina a respeitar, observar, O que você vê, quando olha, o que enxerga? (Grifos do autor).

Quando escolhi o desafio de desenvolver um relato de experiência sobre ensinar Jiu-jitsu para um aluno cego, a primeira indagação que me surgiu foi em como descrever em poucas linhas, a potência que o Jiu-jitsu causa nos corpos que o experimentam, vivenciam. Spinoza (2013, p. 161) diz que: “os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela”. O modo de vida observado neste texto, parte do afeto causado pelo Jiu-jitsu na vida de um aluno cego, e claro, todos os corpos envolvidos neste processo.

Os resultados aqui obtidos permanecem em aberto, possibilitando ainda mais o número de pesquisas, exploração e reflexões, uma vez que mostramos a partir do olhar praxiológico, o cego como aluno de um esporte de combate, nos fazendo pensar na possibilidade e nos afetos adquiridos pela sua presença em um Dojô/Escola de lutas. Sendo assim, fica registado nestas linhas como o Jiu-jitsu proporcionou uma troca, não só a Tirésias, mas no espaço em que ele treinou e nos corpos envolvidos neste universo.

A perseverança do aluno em praticar este esporte e mostrar seu aperfeiçoamento técnico gradual a cada aula, despertou em todos uma possibilidade infinita de capacidade que o Jiu-jitsu pode proporcionar a qualquer um, que por interesse próprio, queira. Além do personagem em si, o próprio professor se modificou, este pesquisador/professor também se afetou por toda a experiência vivida.

No que diz respeito a abordagem pedagógica, cada aula foi pensada com a proposta de ser contínua e processual, o respeito a identidade biológica foi crucial na montagem e reflexão das aulas. O próprio ambiente que não estava adaptado, se modificou com a presença dele.

Me pergunto: e se Tirésias não possuísse os capitais esportivos que têm? Como implica Spinoza (2013, p. 161) a capacidade do ser humano de agir, de escolher, de ser, só cabe a ele, “acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio”, como teria sido ensinar um outro corpo cego, sem todas as características de Tirésias?

Não sejamos imprudentes, existem aqueles que não se afetam além disso, existem os corpos que são imunes a qualquer afeto. Este estudo pode responder por si somente o que Tirésias causou quando pisou no tatame, mesmo assim as questões não respondidas nos oferecem novas hipóteses e possibilidades em pensar o Jiu-jitsu como uma ferramenta de inclusão e adaptação. Importante destacar como as produções futuras que pensem o Jiu-jitsu de forma acessível, devem se aprimorar da história de Oswaldo Fadda, além da trajetória da família Gracie (MAGALHÃES, 2021),

Tirésias segue fazendo aulas de Jiu-jitsu, agora ele possui objetivos que vão além do recorte inicial de simplesmente aprender, pode se tornar um competidor, até mesmo um professor. O Jiu-jitsu pensado como esporte de combate, que é objeto deste texto, aproximou o personagem de uma academia de musculação, modificada com a sua presença, afetando quem assistiu ele treinando, modificou o proprietário que agora tem responsabilidade inclusiva em

tudo que faz no espaço, potencializou o modificou os alunos que o receberam no tatame, além do professor/pesquisador que vê necessidade de ampla expansão desta pesquisa e modificou também ao próprio Tirésias.

Pode-se afirmar que o Jiu-jitsu é um esporte inclusivo diante do respeito ao trato pedagógico dado a cada corpo, Magalhães (2021) reforça a importância desta prática corporal dentro da escola, mas além disso este estudo ressalta como um jovem cego, que com a mesma força e intensidade de um outro aluno vidente, também vivencia e experimenta o Jiu-jitsu como uma atividade inclusiva. Os poucos estudos acerca deste desporto como objeto de inclusão só expandem ainda mais o rigor científico em explorar outras camadas da pesquisa, surgindo uma possibilidade sequencial deste trabalho, compreendendo mais a fundo os corpos afetados por Tirésias, além de seu ponto de vista.

## Referências

BANDEIRA, A; ROCHA, C; SANTANA, V. *Acessibilidade: práticas culturais e tecnologia assistiva para a cidadania*. – Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. *Presidência da república*. Decreto n. 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre a política nacional para integração da pessoa com deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências. Brasília-DF, 1999.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Secretaria de Educação Especial. Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão*. Brasília, 2005.

CAIRUS, J.; A.; T. *O clã Gracie e a invenção do jiu-jitsu brasileiro: identidade, performance e cultura, 1905-1993*. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE. Florianópolis (SC). Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). 2014.

DAGOGNET, F. *O corpo*. Tradução de Michel Jean Maurice Vincint. – Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitaria Ed., 2012.

DAOLIO, J. *Da Cultura do Corpo*. 17ª ed., Campinas (SP), Papirus, 2013.

FONTENELLE, J. P. *Compendio de Higiene*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1940.

GIL, A.; C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GURGEL, F. *Brazilian Jiu-Jitsu Manual Pessoal de Jiu-Jitsu Do Iniciante ao Avançado*. Ed.: Axcel Books do Brasil - ISBN: 85-7323-248-X. 2007.

INTERNATIONAL BRAZILIAN JIU-JITSU FEDERATION. Disponível em: [www.ibjjf.com](http://www.ibjjf.com). Acesso em: 01 ago. 2022.

LIMA, L. M.; HUR, D. U. *As inscrições corporais no diagrama das alianças*. Revista Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia, Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ) n. 50, p. 174-192, jun./set. 2017.

MAGALHÃES, B.; S.; B.; *Jiu-jitsu como prática pedagógica na educação física escolar: uma análise a partir das produções acadêmicas da educação física*. Trabalho de Monografia, Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás, ESEFFEGO – Universidade Estadual de Goiás. Goiânia-GO. 56f. 2021.

MAZZARINO, J. M., FALKENBACH, A., RISSI, S. *Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na educação física*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 33, 87-102. 2011.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E; *Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais*. Ed. FIOCRUZ. jan/ 2004.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratusta: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – Sao Paulo: Companhia das Letras. 2011.

PEREIRA, R.; J. *Anatomia da diferença: uma investigação teórico-descritiva da deficiência à luz do cotidiano*. Tese de Doutorado, Fundação Oswaldo Cruz Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Rouca, Rio de Janeiro. 2006.

SANTOS, Lilian Cristina dos. *A inclusão da pessoa cega em cursos a distância, mediada por recursos de Tecnologia Assistiva: uma proposta de design instrucional*. 115f [Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias]. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da UEG - Universidade Estadual de Goiás. 2019.

SOUZA, Marcel Farias de. *The concept of Bun Bu Ryo Do to sports: a modern rationality in the traditional martial arts*. 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SPINOZA, B. *Ética*. 3. Ed. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

UNESCO. Declaração de Salamanca. *Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais*: acesso e qualidade. Salamanca, Espanha, 1994.

WEID, O.; V.; der. *O Corpo estendido de cegos: cognição, ambiente, acoplamentos*. Sociologia & Antropologia, v. 5, p. 935-960, 2015.

*Filme: A história real e completa do Jiu Jitsu*. Direção: Alexandre Paiva, Raphael Schapira e Marco Ferreira. Edição: Marco Ferreira. Rio de Janeiro. Produção: Equipe Mineirva UFRJ. (107 min). 2010.

Recebido em: 25 set. 2022

Aceito em: 15 mar. 2023